



Além de nos levar a enxergar o mundo pela perspectiva das Escrituras, a cosmologia cristã norteia nossa reflexão sobre temas complexos e polêmicos por meio das Sagradas Escrituras. Com certeza um desses temas mais prementes de nossa geração é a homossexualidade. Após vermos a homossexualidade em uma perspectiva histórica e depois de compreendermos mais de perto os argumentos da militância que tem lutado pelo avanço da chamada “Ideologia de Gênero”, vamos agora olhar o tema por meio de uma cosmologia cristã.

Antes de qualquer coisa, é preciso compreender que a ética cristã – como devemos viver – não se trata de uma série de comandos aleatórios, mas é a consequência inevitável de uma cosmologia cristã. Ou seja: cremos que matar é errado pois Deus é o criador da vida e nos criou iguais, a sua imagem e semelhança. O comando ético de não matar é a consequência lógica de uma visão de mundo orientada pela doutrina da criação e da *Imago Dei*.

Portanto, vamos retornar a um ponto básico de uma cosmologia cristã: o homem como ser criado pelo Eterno. Os textos de Gênesis 1 e 2 nos lembram que o Eterno criou o homem a sua imagem e semelhança. O homem é criado por amor e para experimentar um relacionamento pessoal e íntimo com o Eterno e por isso o Criador traz a existência o homem como um ser pessoal, ou seja: assim como o próprio Criador o homem é alguém que possui consciência, ou uma “pessoa criada”, nas palavras de Anthony Hoekema.<sup>1</sup> Este é um dos sentidos da imagem de Deus no homem, apontando para o homem como um ser pessoal, dotado de consciência moral, um capaz de se relacionar.

O clímax do capítulo primeiro de Gênesis é o verso 27, que diz: “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gênesis 1:27-27). Em seguida, Gênesis 2 é um relato ampliado da criação dos primeiros pais, no qual fica claro que o propósito do Eterno para o homem é que ele possa estabelecer conexões com seu semelhante que é ao mesmo tempo seu complemento.

Quero destacar algo aqui: o narrador está afirmando tanto em Gênesis 1 quanto em Gênesis 2 que Deus não criou um ser humano! Pode parecer estranha essa afirmação, mas o narrador afirma que o Eterno criou homem e mulher e não um ser andrógino, assexuado ou bissexuado. No princípio, Deus criou uma pessoa do sexo masculino e uma pessoa do sexo feminino e não um ser genérico cuja sexualidade viria a ser estabelecida posteriormente. A distinção e complementaridade entre masculino e feminino é ressaltada em Gênesis 1 e 2 e reforçada como intimamente ligada a imagem de Deus no homem, algo que o narrador insiste novamente em Gênesis 5.1,2.

O que Gênesis está afirmando é que a própria sexualidade tem origem no fato de que o Eterno decidiu nos fazer homens e mulheres, seres sexualmente complementares. Logo, o fato de sermos homens ou mulheres – ou seja, nosso gênero – não é algo socialmente construído e marginal como afirma a Teoria Queer, algo secundário, mas é algo que está no núcleo de quem somos. Como afirma Kathy Keller: “A primeira menção a distinção entre homem e mulher na Bíblia ocorre junto com a primeira menção a humanidade em si. ‘E Deus criou o homem a sua imagem; a imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou’ (Gn 1.27). Isso significa que nossa masculinidade e nossa feminilidade não são secundárias em relação a nossa humanidade, mas constituem sua essência. Deus não nos criou como humanidade genérica e só depois nos diferenciou. Desde o começo, fomos criados homem e mulher. Cada célula de nosso corpo é marcada como xx ou xy”.<sup>2</sup>

A questão é que todos nascemos com um corpo que é masculino ou feminino (obviamente que há os casos raros de hermafroditismo biológico que constituem raríssimas exceções). Digo corpo masculino ou feminino pois a distinção entre o gêneros vai muito além da genitália, mas de fato o corpo da mulher é um universo inteiramente distinto do corpo masculino em amplos aspectos biológicos e fisiológicos. Negar esse fato para olhar para o gênero como uma construção social, histórico, geopolítica é uma tentativa até mesmo ingênua de tapar o sol com a peneira. Somos diferentes! Não nego o fato de que muito do que significa “ser mulher” e “ser homem” é construído em um processo de enculturação – a cultura que molda o indivíduo. Contudo, a questão é que todos nascemos com um design, um sexo, que não se constitui apenas de uma questão da genitália, mas de sermos todos seres cujas funções biológicas – nossos hormônios e até mesmo o funcionamento neurológico – são moldados pelo fato de sermos homens ou mulheres. A alegação de que a única diferença entre homens e mulheres é apenas a genitália – procurando diminuir a distância entre o ser feminino e o masculino e reduzindo a complexidade das diferenças entre homens e mulheres – não é apenas inaceitável dentro de uma cosmologia cristã, mas é inaceitável dentro do próprio contexto científico. Diversos estudos como a obra “In a different voice” de Carol Gilligan e o artigo “When woman make music” são textos produzidos por mulheres que mostram como homens e mulheres são diferentes em suas motivações, raciocínio, competências e cognição.<sup>3</sup>

Indo na contramão da proposta essencial da Ideologia de Gênero (que na verdade é um programa de desconstrução de todo e qualquer gênero) a cosmologia cristã afirma que os gêneros – masculino ou feminino – não são vistos como produtos de uma elaboração cultural e contextual. Na cosmologia cristã o gênero está ligado ao corpo, pois o corpo é uma parte essencial do

<sup>1</sup> HOEKEMA, Anthony. *Created in God's image*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986, p.6

<sup>2</sup> KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.204

<sup>3</sup> KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.215,216

homem. Os cristãos não desprezam o mundo físico como muitos imaginam,<sup>4</sup> pois o Criador após criar o mundo físico e o homem de carne e ossos declarou: “Tudo é muito bom” (Gn 1.31).

Essa criação boa está no fato de que o peixe tem uma fisiologia e uma anatomia que o impedem de querer ser ave e vice-versa. O peixe nada por que há todo um design inerente ao peixe: seu propósito está ligado a sua concepção fisiológica, ao seu design biológico. Deus nos fez homens e mulheres, e a despeito do fato de que o pecado original tenha de fato distorcido todo o homem – sua sexualidade inclusive – o fato é que ainda hoje nascemos homens e mulheres. Estudos empíricos realizados nos últimos 20 anos confirmam que homens e mulheres são de fato diferentes em suas percepções e suas maneiras de pensar, sentir, agir, liderar, criar e diversas outras áreas.<sup>5</sup> John Medina, renomado biólogo molecular, demonstra em um extenso capítulo de seu livro “As doze regras do cérebro” as diferenças marcantes que existem no funcionamento cerebral de homens e mulheres. Medina destaca que as diferenças se estendem sobre três áreas: genética, neuroanatômica e comportamental.<sup>6</sup>

Kathy Keller, falando a esse respeito, afirma: “Se a proposta moderna de que a diferença entre os sexos é apenas um ‘construto social’ fosse verdade, poderíamos seguir qualquer caminho que nos parecesse melhor. Se, porém, nosso sexo ocupa o cerne de nossa natureza, corremos o risco de perder uma parte importante de nós mesmos quando abandonamos nossos papéis masculinos e femininos característicos”.<sup>7</sup> O movimento de tentar destruir o binarismo é portanto um ato de vandalismo contra a criação em uma cosmovisão cristã. Por que? Peter Jones consegue capturar com uma exatidão impressionante que os atos criadores de Deus envolvem atos deliberados de separação e distinção: “Como um especialista habilidoso cuidadosamente aperfeiçoando cada detalhe de sua obra-prima, Deus criou estabelecendo distinções, filtrando as coisas e dando cada coisa o seu lugar e função. Essa é a essência do que a Bíblia quer dizer com o ato de criação. É por isso que a separação é imediatamente associada ‘ao que é bom’. O paganismo crê que a separação é má; Deus declara que é boa. ‘E viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas’. Deus separou as águas de cima das águas de baixo”.<sup>8</sup>

Deus criou separando luz/trevas, céus/mares, mares/terra, macho/fêmea. Esses atos de separação físicos estão unidos a outras distinções binárias nas Escrituras: vida/morte, verdade/mentira, obedecer/desobedecer, honra/desonra/ santidade/pecado. O que quero dizer é que o binarismo feminino/masculino não é algo inventado, criado ou concebido, mas é um fato consumado biologicamente, geneticamente, fisiologicamente que mostra o ato pelo qual Deus criou o ser humano: separando a humanidade entre homens e mulheres, não com o fim da inimizade mas da complementaridade. Não podemos negar o fato de que a sexualidade é uma realidade maravilhosamente desenhada pelo Eterno, uma criação para o homem e a mulher, os quais o Eterno abençoou dizendo: “Sejam férteis!”<sup>9</sup>

É óbvio mas ainda sim vou imprimir um esforço em dizer que o corpo é algo extremamente importante na cosmovisão cristã, não algo menor ou um detalhe desprezível. Jones nos lembra que “Deus está envolvido com as questões do corpo. Ser santo no corpo é usar o corpo do modo correto de acordo com o plano da criação de Deus”.<sup>10</sup> A sexualidade em uma cosmovisão cristã não é vista com um livre exercício de experimentação do corpo guiado por um desejo – seja ele qual for – mas é um ato consciente de obediência e submissão aos padrões revelados nas Escrituras por entender que devemos agir dentro de nosso design tanto quanto um peixe deve nadar e uma ave deve voar.

Até agora estamos demonstrando de que maneira as Escrituras norteiam uma reflexão sobre a homossexualidade, mostrando por que o cristianismo histórico recusou-se a reconhecer a validade da prática/estilo de vida homossexual. A questão é que em uma cosmovisão cristã abraçar uma prática/estilo de vida homossexual é ir contra o design, é um ato de decriação, corrompendo o ato pelo qual Deus distinguiu o feminino e o masculino. Essa posição não é resultado de pré-conceito. Muito pelo contrário: é um pós-conceito decorrente de um entendimento da sexualidade através das Escrituras.

Não quero ignorar o fato de que muitas pessoas se encontram na adolescência – algumas até antes – nutrido forte atração por pessoas do mesmo gênero, incluindo pessoas que foram criadas em um lar cristão. Qual seria a raiz desse fato, em uma cosmovisão cristã? A resposta está em Gênesis 3, que afirmar que a queda quebrou o relacionamento original entre Deus e o homem e entre o homem e a mulher, causando uma profunda desconexão. Esta desconexão de Deus acarretou a perda da justiça original do homem, afundando-o no pecado que por sua vez distorce os dons de Deus, incluindo a sexualidade. Ou seja, a sexualidade humana passou por uma distorção, assim como tudo mais no ser humano. Esta pode parecer uma resposta dura, mas ao mesmo tempo nos lembra de que olhando pela perspectiva da queda todos estamos no mesmo barco: somos homens e mulheres pecadores cujo ser interior foi distorcido e manchado pelo pecado. Nossos pecados são diferentes e nossas lutas são diferentes, mas o Evangelho promete esperança e graça para todos, não importando qual seja o nosso pecado.

Quero deixar claro no final deste texto que todo ser humano merece respeito e que devemos ter cuidado com a homofobia transvestida de zelo religioso. A falta de amor e de compaixão aliada a uma atitude de discriminação não pode ser mais tolerada por aqueles que são genuinamente cristãos. Nós cristãos precisamos seguir o exemplo de nosso Salvador que amou a todos indistintamente. Também é óbvio que não estou aqui dizendo que podemos simplesmente jogar nossas convicções para cima em prol de um discurso “tolerante”. É possível discordar de alguém com relação as suas escolhas de vida sem todavia odiar essa mesma pessoa, é possível dizer: “Respeito você, mas discordo de sua posição e de seu estilo de vida”. Finalmente, Donald Arthur Carson nos lembra que devemos tomar cuidado com um discurso sobre tolerância que vê qualquer discordância como intolerância.<sup>11</sup> Não desejamos a homofobia e tão pouco uma cultura na qual discordar seja visto sempre como ato de ódio.

<sup>4</sup> KELLER, Timothy. *O Deus Pródigo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010, p.144

<sup>5</sup> KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.215

<sup>6</sup> MEDINA, John. *Aumente o poder de seu cérebro*. Rio de Janeiro: Sextante, 2010, p.223

<sup>7</sup> KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.204

<sup>8</sup> JONES, Peter. *O Deus do sexo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.119

<sup>9</sup> BEAL, MATTHEW; Sexuality, BARRY, J. D.; BOMAR, D.; BROWN, D. R.; KLIPPENSTEIN, R.; MANGUM, D.; SINCLAIR WOLCOTT, C.; WENTZ, L.; RITZEMA, E.; WIDDER, W. (Orgs.). *The Lexham Bible Dictionary*.

<sup>10</sup> JONES, Peter. *O Deus do sexo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.124

<sup>11</sup> CARSON, Donald Arthur. *A intolerância da tolerância*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.